



VESTIBULAR 2003

PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E REDAÇÃO

CADERNO DE QUESTÕES

INSTRUÇÕES

1. Assinar a capa do seu Caderno de Redação, no local indicado, com caneta de tinta azul ou preta.
2. Formar este caderno, cortando-o na parte superior.
3. Preencher com seu nome e número da carteira os espaços indicados, nas páginas 2 e 16.
4. Destacar a tira desta página, destinada às suas respostas.
5. Esta prova, com duração de 4 horas, contém 50 questões e uma proposta de Redação.
6. Para cada questão, existe somente uma alternativa correta. Anotar na tira a alternativa que julgar certa.
7. Depois de assinaladas todas as respostas, transcrevê-las para a Folha Definitiva de Respostas.
8. O candidato somente poderá entregar a Folha Definitiva de Respostas e o caderno de Redação depois de transcorridas 2 horas, contadas a partir do início da prova.
9. Ao sair, o candidato levará apenas a tira com as respostas e o Caderno de Questões da Prova de Conhecimentos Gerais.
10. Transcorridas 4 horas de prova, o fiscal recolherá a Folha Definitiva de Respostas, o Caderno de Redação e este caderno.
11. Este caderno lhe será entregue ao final da Prova de Conhecimentos Específicos.

RESPOSTAS

01		26	
02		27	
03		28	
04		29	
05		30	
06		31	
07		32	
08		33	
09		34	
10		35	
11		36	
12		37	
13		38	
14		39	
15		40	
16		41	
17		42	
18		43	
19		44	
20		45	
21		46	
22		47	
23		48	
24		49	
25		50	



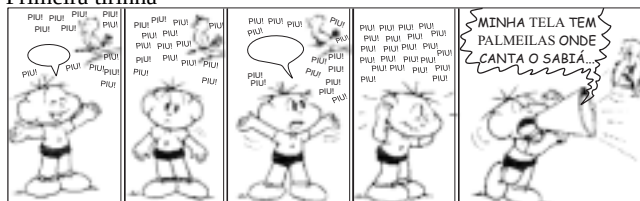
Nome do candidato

Número da carteira

LÍNGUA PORTUGUESA

INSTRUÇÃO: As questões de números **01** a **08** baseiam-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935–), e na “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias (1823–1864).

Primeira tirinha



(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

Segunda tirinha



(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1973)

Canção do Exílio

(...)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu’inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

(Antônio Gonçalves Dias, *Primeiros Cantos*)

01. Nas histórias em quadrinhos, geralmente, os balões contêm os diálogos, falas e monólogos interiores dos personagens. Entre os personagens de Maurício de Sousa, destaca-se o garoto Cebolinha, conhecido por trocar o som do “r” pelo do “l”, como fazem muitas crianças. No primeiro e terceiro quadrinhos da primeira tirinha, os balões, colocados acima da cabeça de Cebolinha, encontram-se vazios. Considerando o contexto, e, inclusive, o último quadrinho, pode-se interpretar que:

- (A) Cebolinha permaneceu calado, ou não exprimiu pensamentos, nos balões do primeiro e terceiro quadrinhos. Isto indica sua falta de diálogo com o enteado passarinho.
- (B) O personagem anuncia em voz baixa, no terceiro quadrinho, que irá declamar uma poesia romântica. Realiza seu desejo, utilizando-se de um megafone, no último quadrinho.
- (C) Cebolinha emitiu discursos diretos, no primeiro e terceiro quadrinhos. No entanto, o que disse não pôde ser ouvido porque sua voz foi abafada pelas onomatopéias que expressam o piado alto, insistente e perturbador do passarinho.
- (D) A expressão facial de Cebolinha, no primeiro quadrinho, indica que ele se esqueceu do que iria dizer, no terceiro quadrinho.
- (E) Os balões encontram-se vazios porque Cebolinha emitiu frases impróprias, ou não-publicáveis, no primeiro e terceiro quadrinhos. Por isso, sua voz não pode ser ouvida.

02. A “Canção do exílio” é um dos textos mais citados e parodiados da Língua Portuguesa. Os versos

*Teus risinhos lindos campos têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida no teu seio mais amores.*

que remetem, de modo flagrante, ao poema de Gonçalves Dias, ocorrem

- (A) na “Nova canção do exílio”, de Carlos Drummond de Andrade, publicada em *A rosa do povo*.
- (B) na letra de “Sabiá”, de Tom Jobim e Chico Buarque.
- (C) no poema “Canto de regresso à pátria”, do modernista Oswald de Andrade.
- (D) em “Ainda irei a Portugal”, de Cassiano Ricardo, um dos líderes da Semana de Arte Moderna.
- (E) na letra do *Hino Nacional Brasileiro*, de Joaquim Osório Duque Estrada, oficializada em 1922.

03. Observe com atenção a segunda tirinha, na qual também há referências à “Canção do exílio”. Caso os balões dessa tirinha não estivessem com todas as falas dos personagens escritas em letras maiúsculas, a palavra *palmeiras*, que aparece em uma frase entre aspas, no segundo quadrinho, deveria ser escrita
- com inicial maiúscula, por se tratar de um substantivo próprio, nome do famoso time brasileiro de futebol.
 - com inicial minúscula, por se tratar de um substantivo comum, nome da planta referida por Gonçalves Dias, na “Canção do exílio”.
 - com inicial maiúscula, por se tratar de um substantivo comum, nome da planta referida por Gonçalves Dias.
 - com inicial minúscula, por se tratar de um substantivo com valor de adjetivo, a designar um time brasileiro de futebol.
 - com inicial minúscula, por se tratar de um substantivo próprio, nome da planta referida na “Canção do exílio”.
04. Gonçalves Dias consolidou o romantismo no Brasil. Sua “Canção do exílio” pode ser considerada tipicamente romântica porque
- apóia-se nos cânones formais da poesia clássica greco-romana; emprega figuras de ornamento, até com certo exagero; evidencia a musicalidade do verso pelo uso de aliterações.
 - exalta terra natal; é nostálgica e saudosista; o tema é tratado de modo sentimental, emotivo.
 - utiliza-se do verso livre, como ideal de liberdade criativa; sua linguagem é hermética, erudita; glorifica o canto dos pássaros e a vida selvagem.
 - poesia e música se confundem, como artifício simbólico; a natureza e o tema bucólico são tratados com objetividade; usa com parcimônia as formas pronominais de primeira pessoa.
 - refere-se à vida com descrença e tristeza; expõe o tema na ordem sucessiva, cronológica; utiliza-se do exílio como o meio adequado de referir-se à evasão da realidade.
05. Entre as figuras de sintaxe, como recursos que um autor emprega para obter maior expressividade, existe a *zeugma*. Uma das formas de *elipse*, a *zeugma* consiste na supressão de um vocábulo, já enunciado em frase anterior, por estar subentendido. No poema de Gonçalves Dias, a *zeugma* ocorre apenas em
- Sem qu’inda aviste as palmeiras.
 - Em cismar, sozinho, à noite.
 - As aves, que aqui gorjeiam.
 - Nossa vida mais amores.
 - Nosso céu tem mais estrelas.
06. Os versos da “Canção do exílio” são construídos nos moldes da redondilha maior, com predominância dos acentos de intensidade nas terceiras e sétimas sílabas métricas. Um verso que não segue esse padrão de tonicidade é
- Minha terra tem palmeiras;
 - As aves, que aqui gorjeiam,.
 - Nosso céu tem mais estrelas.
 - Em cismar, sozinho, à noite.
 - Onde canta o Sabiá.
07. Nas falas “Minha terra tem Corinthians, *onde* canta o sabiá!” e “cada um tem o time *que* quiser!...”, da segunda tirinha, os vocábulos em destaques estabelecem, respectivamente, as relações sintático-semânticas de
- conector de oração adjetiva em relação a *minha terra* e conector de oração adjetiva em relação a *o time*.
 - conector de oração adverbial em relação a *terra* e conector de oração adjetiva em relação a *time*.
 - conector de oração adjetiva em relação a *Corinthians* e conector de oração adjetiva em relação a *cada um*.
 - conector de oração adverbial em relação a *Corinthians* e conector de oração adverbial em relação a *um*.
 - conector de oração adverbial de lugar em relação a *minha terra* e conector de oração adjetiva em relação a *cada um*.
08. Na frase “Cada um tem o time que quiser”, da segunda tirinha, o verbo *querer* se apresenta conjugado:
- no infinitivo impessoal.
 - no modo subjuntivo, tempo pretérito imperfeito, primeira pessoa do singular.
 - no modo indicativo, tempo futuro do pretérito, terceira pessoa do singular.
 - no modo subjuntivo, tempo futuro, terceira pessoa do singular.
 - no infinitivo pessoal, terceira pessoa do singular.
- INSTRUÇÃO: As questões de números 09 a 14 são relacionadas a uma passagem bíblica e a um trecho da canção “Cálice”, realizada em 1973, por Chico Buarque (1944 –) e Gilberto Gil (1942 –).
- TEXTO BÍBLICO
- Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita! (Lucas, 22)
- (in: *Bíblia de Jerusalém*. 7ª impressão. São Paulo: Paulus, 1995)

TRECHO DE CANÇÃO

Pai, afasta de mim esse cálice!
 Pai, afasta de mim esse cálice!
 Pai, afasta de mim esse cálice
 De vinho tinto de sangue.

Como beber dessa bebida amarga,
 Tragar a dor, engolir a labuta,
 Mesmo calada a boca, resta o peito,
 Silêncio na cidade não se escuta.
 De que me vale ser filho da santa,
 Melhor seria ser filho da outra,
 Outra realidade menos morta,
 Tanta mentira, tanta força bruta.

.....

(in: www.uol.com.br/chicobuarque/)

09. Um texto pode se revelar, na forma e/ou no conteúdo, como absorção e transformação de um ou mais textos. Por isto, quando ele é lido, algumas de suas partes podem lembrar o que já foi lido em outro(s) texto(s). A essa relação de semelhança e superposição de um texto a outro dá-se o nome de *intertextualidade*. Inúmeros autores extraem desse procedimento interessantes efeitos artísticos. Comparando-se a primeira estrofe de “Cálice” com o texto bíblico, pode-se afirmar corretamente que

- (A) ocorre intertextualidade porque a estrofe contém, na forma e no conteúdo, parte da passagem evangélica.
- (B) não há intertextualidade porque, na estrofe, foi omitida a outra frase atribuída a Jesus.
- (C) não há intertextualidade porque, na estrofe, não há menção ao sentido condicional presente na primeira frase atribuída a Jesus.
- (D) ocorre intertextualidade, mas apenas quanto aos elementos morfosintáticos da frase atribuída a Jesus.
- (E) não há intertextualidade porque a estrofe transforma, semanticamente, a passagem evangélica, dando-lhe uma conotação política.

10. Os três primeiros versos de “Cálice” apresentam a mesma estrutura sintática, cujos elementos constitutivos são, na sequência,

- (A) um sujeito, *Pai*; um verbo no presente do indicativo, na segunda pessoa do singular, *afasta*; objeto indireto, *de mim*; objeto direto, *esse cálice*.
- (B) um vocativo, *Pai*; um sujeito oculto, *tu*; um verbo no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular, *afasta*; objeto indireto, *de mim*; objeto direto, *esse cálice*.
- (C) uma interjeição de chamamento, *Pai*; um sujeito oculto, *tu*; um verbo no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular, *afasta*; objeto indireto, *de mim*; objeto direto, *esse cálice*.

- (D) um vocativo, *Pai*; um sujeito oculto, *tu*; um verbo no imperativo afirmativo, na segunda pessoa do singular, *afasta*; objeto indireto, *de mim*; objeto direto, *esse cálice*.

- (E) um vocativo, *Pai*; um sujeito oculto, *tu*; um verbo no presente do subjuntivo, na terceira pessoa do singular, *afasta*; adjunto adnominal de posse, *de mim*; sujeito, *esse cálice*.

11. Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um *dígrafo*. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de

- (A) *Pai*, *minha*, *tua*, *esse*, *tragar*.
- (B) *afasta*, *vinho*, *dessa*, *dor*, *seria*.
- (C) *queres*, *vinho*, *sangue*, *dessa*, *filho*.
- (D) *esse*, *amarga*, *Silêncio*, *escuta*, *filho*.
- (E) *queres*, *feita*, *tinto*, *Melhor*, *bruta*.

12. A frase *Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!* contém dois conectivos adversativos. O conectivo *mas* estabelece coesão entre a oração *a tua [vontade] seja feita* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*. O conectivo *contudo* estabelece coesão entre

- (A) a oração implícita [se não queres] e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.
- (B) a oração *se queres* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.
- (C) a oração *afasta de mim este cálice!* e a oração *a tua [vontade] seja feita*.
- (D) a oração implícita [se não queres] e a oração *a tua [vontade] seja feita*.
- (E) a oração *a tua [vontade] seja feita* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

13. Entendendo-se por rima a identidade ou semelhança de sons em lugares determinados dos versos, nota-se, nas linhas pares da segunda estrofe de “Cálice”, que o único verso que frustra a expectativa de rima é

- (A) Como beber dessa bebida amarga.
- (B) Silêncio na cidade não se escuta.
- (C) De que me vale ser filho da santa.
- (D) Melhor seria ser filho da outra.
- (E) Tanta mentira, tanta força bruta.

14. Gilberto Gil declarou, numa entrevista, que escreveu a primeira estrofe de “Cálice” inspirado na contemplação de uma procissão de Sexta-feira Santa, em Salvador. Levou-a a Chico Buarque, pois deveriam compor uma canção em parceria. Naquela época, os artistas brasileiros viviam sob fortes restrições à liberdade de expressão, impostas pelo Regime Militar. Chico leu a estrofe, ponderou, pensou e, em dado momento, pronunciou em voz alta: *Cálice... Cale-se!*. Assim, com o *cale-se* em mente, viu-se estimulado a dar continuidade à letra da canção, e, em linguagem figurada, escreveu a segunda estrofe. Leia-a com atenção, e aponte em qual verso, com a expressão correspondente, o poeta demarcou o referido estímulo.

- (A) *Como beber* dessa bebida amarga.
- (B) *Mesmo calada a boca*, resta o peito.
- (C) *De que me vale* ser filho da santa.
- (D) Melhor seria ser *filho da outra*.
- (E) Outra realidade *menos morta*.

INSTRUÇÃO: As questões de números 15 a 17 baseiam-se no seguinte fragmento do romance *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo (1857–1913).

O cortiço

Fechou-se um entra-e-sai de marimbondos defronte daquelas cem casinhas ameaçadas pelo fogo. Homens e mulheres corriam de cá para lá com os tarecos ao ombro, numa balbúrdia de doidos. O pátio e a rua enchiam-se agora de camas velhas e colchões espocados. Ninguém se conhecia naquela zumba de gritos sem nexo, e choro de crianças esmagadas, e pragas arrancadas pela dor e pelo desespero. Da casa do Barão saíam clamores apopléticos; ouviam-se os guinchos de Zulmira que se espolinha com um ataque. E começou a aparecer água. Quem a trouxe? Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.

Os sinos da vizinhança começaram a badalar.
E tudo era um clamor.

A Bruxa surgiu à janela da sua casa, como à boca de uma fornalha acesa. Estava horrível; nunca fora tão bruxa. O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia que nem metal em brasa; a sua crina preta, desgrenhada, escorrida e abundante como as das éguas selvagens, dava-lhe um caráter fantástico de fúria saída do inferno. E ela ria-se, ébria de satisfação, sem sentir as queimaduras e as feridas, vitoriosa no meio daquela orgia de fogo, com que ultimamente vivia a sonhar em segredo a sua alma extravagante de maluca.

Ia atirar-se cá para fora, quando se ouviu estalar o madeiramento da casa incendiada, que abateu rapidamente, sepultando a louca num montão de brasas.

(Aluísio Azevedo. *O cortiço*)

15. Em *O cortiço*, o caráter naturalista da obra faz com que o narrador se posicione em terceira pessoa, onisciente e onipresente, preocupado em oferecer uma visão crítico-analítica dos fatos. A sugestão de que o narrador é testemunha pessoal e muito próxima dos acontecimentos narrados aparece de modo mais direto e explícito em

- (A) Fechou-se um entra-e-sai de marimbondos defronte daquelas cem casinhas ameaçadas pelo fogo.
- (B) Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.
- (C) Da casa do Barão saíam clamores apopléticos...
- (D) A Bruxa surgiu à janela da sua casa, como à boca de uma fornalha acesa.
- (E) Ia atirar-se cá para fora, quando se ouviu estalar o madeiramento da casa incendiada...

16. O caráter naturalista nessa obra de Aluísio Azevedo oferece, de maneira figurada, um retrato de nosso país, no final do século XIX. Põe em evidência a competição dos mais fortes, entre si, e estes, esmagando as camadas de baixo, compostas de brancos pobres, mestiços e escravos africanos. No ambiente de degradação de um cortiço, o autor expõe um quadro tenso de misérias materiais e humanas. No fragmento, há várias outras características do Naturalismo. Aponte a alternativa em que *as duas características* apresentadas são corretas.

- (A) Exploração do comportamento anormal e dos instintos baixos; enfoque da vida e dos fatos sociais contemporâneos ao escritor.
- (B) Visão subjetivista dada pelo foco narrativo; tensão conflitiva entre o ser humano e o meio ambiente.
- (C) Preferência pelos temas do passado, propiciando uma visão objetiva dos fatos; crítica aos valores burgueses e predileção pelos mais pobres.
- (D) A onisciência do narrador imprime-lhe o papel de criador, e se confunde com a idéia de Deus; utilização de preciosismos vocabulares, para enfatizar o distanciamento entre a enunciação e os fatos enunciados.
- (E) Exploração de um tema em que o ser humano é aviltado pelo mais forte; predominância de elementos anticientíficos, para ajustar a narração ao ambiente degradante dos personagens.

17. Releia o fragmento de *O cortiço*, com especial atenção aos dois trechos a seguir.

Ninguém se conhecia naquela zumba de gritos sem nexo, e choro de crianças esmagadas, e pragas arrancadas pela dor e pelo desespero.

(...)

E começou a aparecer água. Quem a trouxe? Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.

No fragmento, rico em efeitos descritivos e soluções literárias que configuram imagens plásticas no espírito do leitor, Aluísio Azevedo apresenta características psicológicas de comportamento comunitário. Aponte a alternativa que explicita o que os dois trechos têm em comum.

- (A) Preocupação de um em relação à tragédia do outro, no primeiro trecho, e preocupação de poucos em relação à tragédia comum, no segundo trecho.
- (B) Desprezo de uns pelos outros, no primeiro trecho, e desprezo de todos por si próprios, no segundo trecho.
- (C) Angústia de um não poder ajudar o outro, no primeiro trecho, e angústia de não se conhecer o outro, por quem se é ajudado, no segundo trecho.
- (D) Desespero que se expressa por murmúrios, no primeiro trecho, e desespero que se expressa por apatia, no segundo trecho.
- (E) Anonimato da confusão e do “salve-se quem puder”, no primeiro trecho, e anonimato da cooperação e do “todos por todos”, no segundo trecho.

INSTRUÇÃO: As questões de números 18 a 21 tomam por base a primeira estrofe de “O menino da porteira”, de Teddy Vieira (1922–1965) e Luís Raimundo (1916 –), o Luisinho, e a letra de “Meu bem-querer”, de Djavan (1949 –).

O Menino da Porteira

Toda a vez que eu viajava
Pela estrada de Ouro Fino,
De longe eu avistava
A figura de um menino,
Que corria abri[r] a porteira
Depois vinha me pedindo:
– Toque o berrante, seu moço,
Que é p’ra mim ficá[ar] ouvindo.

(Luisinho, Limeira e Zezinha, 1955)

Meu bem querer

Meu bem-querer
É segredo, é sagrado,
Está sacramentado
Em meu coração.
Meu bem-querer
Tem um quê de pecado
Acariciado pela emoção.
Meu bem-querer, meu encanto,
Tô sofrendo tanto, amor.
E o que é o sofrer
Para mim, que estou
Jurado p’ra morrer de amor?

(Djavan. *Alumbramento*. Emi-Odeon. 1980)

18. “O menino da porteira”, cururu gravado em 1955, mostra-se como um significativo exemplo de projeção da linguagem oral cotidiana na poesia-canção popular brasileira. Observe o verso *Que é p’ra mim ficá[ar] ouvindo*, e compare-o com o verso *Pra mim, que estou*, de Djavan. Num deles ocorre um fato lingüístico que a gramática normativa considera “erro de português”. A indicação do “erro” e a “correção” correspondente estão em

- (A) *p’ra mim*, de “O menino da porteira”, que deveria ser corrigida para *p’ra eu*, pois o pronome pessoal *eu* é objeto direto da locução verbal *ficá ouvindo*.
- (B) *para mim*, de “Meu bem-querer”, que deveria ser corrigida para *para eu*, porque o pronome pessoal *eu* é sujeito do verbo *estou*.
- (C) *para mim*, de “Meu bem-querer”, que deveria ser corrigida para *p’ra eu*, por analogia a *p’ra morrer*, do verso seguinte.
- (D) *p’ra mim*, de “O menino da porteira”, que deveria ser corrigida para *p’ra eu*, uma vez que o pronome pessoal *eu* é sujeito da locução verbal *ficá ouvindo*.
- (E) *p’ra mim*, de “O menino da porteira”, que deveria ser corrigida para *para eu*, por se tratar de uma locução adverbial.

19. O processo estilístico em que um verso se estende no outro, sintática e semanticamente, é conhecido como *encavalgamento*, *cavalgamento* ou, muitas vezes, pelo termo francês *enjambement*. Esse recurso é freqüente na estrutura do texto poemático. As estrofes da poesia-canção de Djavan, por exemplo, têm seus versos quase que inteiramente estruturados por esse processo. Indique a alternativa em que *não* ocorre encavalgamento.

- (A) Meu bem-querer / É segredo, é sagrado,
- (B) Meu bem-querer / Tem um quê de pecado
- (C) E o que é o sofrer / Para mim, que estou
- (D) Acariciado pela emoção. / Meu bem-querer, meu encanto,
- (E) Para mim, que estou / Jurado p’ra morrer de amor?

20. Há certos verbos cujas flexões se desviam do paradigma de sua conjugação. São considerados, por isso, irregulares. Alguns deles são: *dar*, *estar*, *fazer*, *ser* e *ir*. Na estrofe de “O menino da porteira”, ocorrem verbos dessa natureza. A alternativa que os contém é

- (A) “Toda vez que eu viajava” e “De longe eu avistava”.
- (B) “De longe eu avistava” e “Que corria abri[r] a porteira”.
- (C) “Que corria abri[r] a porteira” e “–Toque o berrante, seu moço,”
- (D) “Que corria abri[r] a porteira” e “Que é p’ra mim ficá[r] ouvindo.”
- (E) “Depois vinha me pedindo:” e “Que é p’ra mim ficá[r] ouvindo”.

21. Na última estrofe de “Meu bem-querer”, o personagem pergunta-se: “E o que é o sofrer / Para mim, que estou / Jurado p’ra morrer de amor?”. Nota-se uma diferença nos sentimentos: o ‘sofrimento amoroso’, no primeiro verso, e a ‘sentença de morte, por amor’, no terceiro verso. O sentimento contido no primeiro verso, em relação ao contido no terceiro, é

- (A) mais intenso, mas não desejado.
- (B) menos intenso, mas fortemente desejado.
- (C) mais intenso e fracamente desejado.
- (D) mais intenso e fortemente desejado.
- (E) menos intenso, mas não desejado.

INSTRUÇÃO: As questões 22 e 23 estão relacionadas ao seguinte anúncio de jornal:

LOJA DE CALÇADOS FEMININO

Vende-se 3 lojas bem montadas tradicionais, nos melhores Pontos da Cidade. Ótima Oportunidade!

F: () xxx-xxxxxx

(O Estado de S.Paulo, 15.08.2002)

22. De acordo com as normas gramaticais, particularmente no que se refere às regras de concordância, o título deste anúncio deveria ser

- (A) LOJAS DE CALÇADOS FEMININO, porque, na sequência, o texto fala em “3 lojas”.
- (B) LOJAS DE CALÇADOS FEMININOS, porque, na sequência, o texto fala em “3 lojas”.
- (C) LOJA DE CALÇADOS FEMININOS, porque o título não especifica as outras duas lojas “bem montadas” de calçados, implicitamente, masculinos.
- (D) LOJA FEMININA DE CALÇADOS, porque o título não se relaciona com o restante do anúncio.
- (E) LOJA DE CALÇADOS FEMININO, tal como aparece no anúncio, porque o vocábulo “FEMININO” apenas especifica o tipo de calçado comercializado pelas lojas à venda.

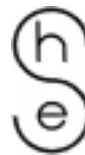
23. No corpo do anúncio, a expressão *Vende-se 3 lojas bem montadas*

- (A) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o sujeito paciente.
- (B) não apresenta problema de concordância verbal porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o objeto direto.
- (C) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.

(D) não apresenta problema de concordância verbal, porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.

(E) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é pronome reflexivo com função sintática de objeto indireto, e *lojas* é o objeto direto.

INSTRUÇÃO: A questão 24 baseia-se no poema concreto *Epithalamium II*, de Pedro Xisto (1901-1987).



(in: Logogramas, 1966.
www.ubu.com/historical/xisto)

24. Pressupostos teóricos da Poesia Concreta propõem a realização de um *poema-objeto*, isto é, uma obra que informa por meio de sua própria estrutura (estrutura = conteúdo); valoriza, entre outros elementos, o espaço em branco da página, como produtor de sentidos, e a utilização de formas visuais. Em várias edições de *Epithalamium II* (epitalâmio = canto ou poema nupcial), aparecem as seguintes indicações: *he* = ele; *&* = e; *S* = serpens; *h* = homo; *e* = Eva. Observe o poema, e, mediante as indicações do autor, aponte, dentre as alternativas, aquela que mais se aproxima da mensagem da obra.

- (A) As três letras, dispostas de modo a produzir uma imagem visual, denotam que o homem e a mulher, representados pelos pronomes pessoais, em inglês, foram coisificados e, após, separados um do outro, pelo pecado original (Adão e Eva).
- (B) A letra S, que desenha e escreve *She*, ao mesmo tempo que compõe as formas sinuosas de uma serpente (=pecado), parece que enlaça o *he*. Poderia evocar, por um lado, que os gêneros humanos se completam, um no outro, e, por outro, a supremacia da feminilidade sobre a masculinidade, já que *he* (=ele) é configurado no interior de *She* (=ela).
- (C) O *&*, que se desenha no poema, revela, por um lado, a desintegração mulher/homem (representados em inglês) e, por outro, a situação dos seres humanos no mundo capitalista. Isto se justifica pelo fato de *&* lembrar a forma com que se designa a razão social das empresas.
- (D) O significado do poema se esgota na simples contemplação do mesmo, como se fosse o logotipo de uma empresa. O *She* e o *he* comparecem como artifícios provocativos que disfarçam os significados de si próprios. Neste sentido, masculinidade e feminilidade se anulam.
- (E) Não há hierarquia entre *She* (=ela) e *he* (=ele), uma vez que esses pronomes pessoais estão desenhados em forma vertical no espaço branco da página, e não horizontalmente, como seria comum na poesia tradicional.

INSTRUÇÃO: As questões de números 25 a 32 baseiam-se em fragmentos de três autores portugueses.

Auto da Lusitânia

(Gil Vicente – 1465?–1536?)

Estão em cena os personagens *Todo o Mundo* (um rico mercador) e *Ninguém* (um homem vestido como pobre). Além deles, participam da cena dois diabos, *Berzebu* e *Dinato*, que escutam os diálogos dos primeiros, comentando-os, e anotando-os.

Ninguém para *Todo o Mundo*: E agora que buscas lá?

Todo o Mundo: Busco honra muito grande.

Ninguém: E eu virtude, que Deus mande que tope co ela já.

Berzebu para *Dinato*: Outra adição nos acude:

Escreve aí, a fundo,
que busca honra *Todo o Mundo*,
e *Ninguém* busca virtude.

Ninguém para *Todo o Mundo*: Buscas outro mor bem qu'esse?

Todo o Mundo: Busco mais quem me louvasse
tudo quanto eu fizesse.

Ninguém: E eu quem me repreendesse
em cada cousa que errasse.

Berzebu para *Dinato*: Escreve mais.

Dinato: Que tens sabido?

Berzebu: Que quer em extremo grado
Todo o Mundo ser louvado,
e *Ninguém* ser repreendido.

Ninguém para *Todo o Mundo*: Buscas mais, amigo meu?

Todo o Mundo: Busco a vida e quem ma dê.

Ninguém: A vida não sei que é,
a morte conheço eu.

Berzebu para *Dinato*: Escreve lá outra sorte.

Dinato: Que sorte?

Berzebu: Muito garrida:
Todo o Mundo busca a vida,
e *Ninguém* conhece a morte.

(Antologia do Teatro de Gil Vicente)

Os Maias

(Eça de Queirós – 1845–1900)

– E que somos nós? – exclamou Ega. – Que temos nós sido desde o colégio, desde o exame de latim? Românticos: isto é, indivíduos inferiores que se governam na vida pelo sentimento, e não pela razão...

Mas Carlos queria realmente saber se, no fundo, eram mais felizes esses que se dirigiam só pela razão, não se desviando nunca dela, torturando-se para se manter na sua linha inflexível, secos, hirtos, lógicos, sem emoção até o fim...

– Creio que não – disse o Ega. – Por fora, à vista, são desconsoladores. E por dentro, para eles mesmos, são talvez desconsolados. O que prova que neste lindo mundo ou tem de se ser insensato ou sem sabor...

– Resumo: não vale a pena viver...

– Depende inteiramente do estômago! – atalhou Ega.

Riram ambos. Depois Carlos, outra vez sério, deu a sua teoria da vida, a teoria definitiva que ele deduzira da experiência e que agora o governava. Era o fatalismo muçulmano.

Nada desejar e nada recluir... Não se abandonar a uma esperança – nem a um desapontamento. Tudo aceitar, o que vem e o que foge, com a tranquilidade com que se acolhem as naturais mudanças de dias agrestes e de dias suaves. E, nesta placidez, deixar esse pedaço de matéria organizada que se chama o Eu ir-se deteriorando e decompondo até reentrar e se perder no infinito Universo... Sobretudo não ter apetites. E, mais que tudo, não ter contrariedades.

Ega, em suma, concordava. Do que ele principalmente se convencera, nesses estreitos anos de vida, era da inutilidade de todo o esforço. Não valia a pena dar um passo para alcançar coisa alguma na Terra – porque tudo se resolve, como já ensinara o sábio do *Eclesiastes*, em desilusão e poeira.

(Eça de Queirós, *Os Maias*)

Ode Triunfal

Álvaro de Campos

(heterônimo de Fernando Pessoa – 1888–1935)

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações,

Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,
Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

(Fernando Pessoa, *Obra Poética*)

25. Os textos apresentados, pertencentes a períodos diferentes da história social e literária portuguesa, têm, em comum, o enfoque das relações do ser humano diante da realidade. Respectivamente, representam
- visão satírica da existência e do comportamento humano; visão desencantada e pessimista do indivíduo na sociedade; visão perplexa, eufórica, ao mesmo tempo agônica, do indivíduo diante dos tempos modernos.
 - visão eufórica do comportamento humano; visão derrotista do passado; visão agônica do futuro, pelo poeta.
 - visão complacente do diabo, sobre a sociedade portuguesa; visão derrotista do passado; visão alegórica da inutilidade do poeta diante das conquistas tecnológicas.
 - visão sarcástica que os homens fazem de si, na época do trovadorismo português; visão fantasiosa da existência; visão perplexa, mas eufórica, do poeta diante da eletricidade e das máquinas.
 - visão positiva da existência e do relacionamento humano; visão objetiva da sociedade romântica; visão hesitante do mundo moderno.
26. A *ironia*, ou uma expressão irônica, consiste em, intencionalmente, dizer o contrário do que as palavras significam, no sentido literal, denotativo. Lendo-se o fragmento de Gil Vicente, percebe-se que o autor ironiza a sociedade
- no nome dado a *Berzebu* que, no Novo Testamento, significa o “príncipe dos demônios”.
 - no comportamento humilde do personagem *Todo o Mundo*.
 - na dissimulação contida nos nomes dos personagens e suas caracterizações: *Todo o Mundo* (=um rico mercador) e *Ninguém* (=um homem vestido como pobre).
 - no pedido que *Berzebu* faz a *Dinato*: “Escreve lá outra sorte.”
 - no comportamento obstinado do personagem *Ninguém*.
27. No fragmento do *Auto da Lusitânia*, o autor utiliza um recurso estilístico que consiste no emprego de vocábulos antônimos, estabelecendo contrastes, como *vida/morte*, *louvado/repreendido*, e outros. No fragmento de “Ode triunfal”, ocorre um outro recurso de estilo que consiste na invocação de seres reais ou imaginários, animados ou inanimados, vivos ou mortos, presentes ou ausentes, como *ó rodas*, *ó grandes ruídos modernos* e outros. Esses recursos estilísticos são conhecidos, respectivamente, como
- eufemismo e onomatopéia.
 - eufemismo e apóstrofe.
 - antítese e apóstrofe.
 - antítese e eupemismo.
 - antítese e onomatopéia.
28. Eça de Queirós fez parte da chamada *geração de 1870*, que lutou ferrenhamente contra a ordem social lisboeta, passional e romântica, liderada, politicamente, pela monarquia, pela burguesia e pelo clero. Além dele, foram figuras importantes dessa geração
- Camilo Castelo Branco, Antônio Feliciano de Castilho e Oliveira Martins.
 - Antero de Quental, Oliveira Martins e Teófilo Braga.
 - Júlio Dinis, Alexandre Herculano e Antero de Quental.
 - Antônio Feliciano de Castilho, Camilo Castelo Branco e Teófilo Braga.
 - Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Júlio Dinis.
29. Nos fragmentos de *Os Maias* e “Ode triunfal”, existem palavras que recebem acento gráfico, de acordo com suas regras específicas. Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra.
- estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível.
 - Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio.
 - trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas.
 - sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico.
 - Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo.
30. Os fragmentos das obras *Auto da lusitânia*, *Os Maias* e “Ode triunfal” realizam-se, no plano formal, como textos dramático, narrativo e de poesia lírica. Além de outras características, privilegiam, respectivamente,
- a pessoa ou coisa de que se fala (3ª pessoa gramatical); a pessoa com quem se fala (2ª pessoa gramatical); a pessoa que fala (1ª pessoa gramatical).
 - a pessoa que fala (1ª pessoa gramatical); a pessoa com quem se fala (2ª pessoa gramatical); a pessoa ou coisa de que se fala (3ª pessoa gramatical).
 - a pessoa com quem se fala (2ª pessoa gramatical); a pessoa ou coisa de que se fala (3ª pessoa gramatical); a pessoa que fala (1ª pessoa gramatical).
 - a pessoa com quem se fala (2ª pessoa gramatical); a pessoa que fala (1ª pessoa gramatical); a pessoa ou coisa de que se fala (3ª pessoa gramatical).
 - a pessoa ou coisa de que se fala (3ª pessoa gramatical); a pessoa com quem se fala (2ª pessoa gramatical); a pessoa que fala (1ª pessoa gramatical).

31. Em “Ode triunfal”, escrita no momento aflitivo de 1914, parece que o transe dos tempos modernos, representado pelas *máquinas em fúria*, se mistura com o transe febril do eu-poemático. Cria-se um ambiente em que, talvez na dimensão do sonho (ou do pesadelo), o tempo e o espaço parecem dissolvidos, ou situados numa região mítica. Nessa dimensão surrealista, Platão e Virgílio residem dentro das máquinas; há, nelas, pedaços de Alexandre Magno, *do século talvez cinquenta*, além de Ésquilo, *do século cem*. Tal embaralhamento temporal de figuras históricas já se enunciara nos versos
- (A) À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica / Tenho febre e escrevo.
- (B) Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno! / Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
- (C) De expressão de todas as minhas sensações, / Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
- (D) Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro, / Porque o presente é todo o passado e todo o futuro.
- (E) De vos ouvir demasiadamente de perto, / E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso.
32. Além de Álvaro de Campos, que assina a “Ode triunfal”, também são heterônimos de Fernando Pessoa
- (A) Mário de Sá-Carneiro e Alberto Caeiro.
- (B) Ricardo Reis e Miguel Torga.
- (C) José Régio e Mário de Sá-Carneiro.
- (D) Almada Negreiros e José Régio.
- (E) Ricardo Reis e Alberto Caeiro.

INSTRUÇÃO: As questões de números 33 a 35 baseiam-se no poema “Pneumotórax”, do modernista Manuel Bandeira (1886–1968).

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
– Diga trinta e três.
– Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
– Respire.
.....
– O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
– Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
– Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

(Manuel Bandeira, *Libertinagem*)

33. *Pneumotórax*, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (*pneum[o]*- + *-tórax*). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem “uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito *infiltrado*”. Esta última palavra é formada com base em um radical: *filtro*. Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo *infiltrado* são constituídos, respectivamente, por
- (A) composição, e derivação prefixal e sufixal.
- (B) derivação prefixal e sufixal, e composição.
- (C) composição por hibridismo, e composição prefixal e sufixal.
- (D) simples flexão, e derivação prefixal e sufixal.
- (E) simples derivação, e composição sufixal e prefixal.
34. Em uma de suas ocorrências, no poema *Pneumotórax*, a conjunção *e* poderia ser substituída por *mas*, sem prejuízo semântico. Essa possibilidade verifica-se em
- (A) dispnéia, *e* suores noturnos.
- (B) trinta *e* três... trinta *e* três.
- (C) Diga trinta *e* três.
- (D) pulmão esquerdo *e* o pulmão direito...
- (E) ter sido *e* que não foi.
35. A presença do humor negro e o feito de poema-piada são traços modernistas de “Pneumotórax”. Quando, nesse poema, o médico enuncia a frase *A única coisa a fazer é tocar um tango argentino*, o paciente deve entender que
- (A) não há mais nada que a medicina possa fazer por ele.
- (B) ainda há solução para o seu problema de saúde.
- (C) o tango argentino é o processo terapêutico para curá-lo.
- (D) figurativamente, deverá buscar ajuda com especialistas portenhos.
- (E) nem a musicoterapia é recomendável para o tratamento de seu problema pulmonar.

LÍNGUA INGLESA

INSTRUÇÃO: Leia o texto *Gene banks and blanket consent* e responda as questões de números 36 a 45, identificando a alternativa correta, com base nas informações fornecidas.

Ethics Watch

Gene banks and blanket consent

Academic and industry researchers are understandably excited about the scientific and therapeutic potential presented by gene banks. Emerging areas of research, such as pharmacogenetics, require access to large pools of genetic data, which are of greatest scientific value when linked to identifiable personal information. For example, links between genetic information and health data are required to study gene-environment interactions effectively.

The ethical challenges that are associated with gene banks have attracted much attention from both academics and policy makers, as highlighted by the UK Human Genetics Commission's (1999) report. However, the issue of consent is particularly problematic for researchers. A strict application of many countries' consent laws requires researchers to obtain informed consent for the use of all identifiable genetic information and a fresh consent for new research projects, and to allow participants to withdraw their sample at anytime. Following these legal requirements is tremendously difficult for research involving large gene banks.

This dilemma has been dealt with through the increasing use of "blanket consent". Although one-time consents simplify the research process, the legal challenges associated with them have been underplayed. Because blanket consents are necessarily vague, they are too general to have much legal weight. Moreover, they do not allow patients to act meaningfully on their continuing right to control their health information. As such, most types of blanket consent fall "far short of true informed consent" (Greely 1999).

Given this legal uncertainty, adopting comprehensive blanket consent policies will require many countries to change their existing consent laws, requiring statutory amendments or legislation. However, creating new consent policy poses several significant challenges. First, there is some evidence that the public would not feel comfortable with a lowering of the legal standard to facilitate research. Indeed, a survey in 2001 of Canadians found that 90% strongly agree (61%) or agree (29%) that genetic information is different and that rules governing access to it should be stricter (Report for the BADMCC 2001). Second, jurisdictional variation in how this consent issue is addressed could add to the challenge of organizing large, multi-site research initiatives. In Canada, for example, the handling of health information is a provincial matter. As such each of the ten provinces will need to craft legislation to address this topic.

Finally, governments need to consider carefully the broader social impact of changing consent law. Is it really time to jettison the well-established autonomy-driven view of consent? What additional safeguards will be needed to make such a change ethically sound?

(Timothy Caulfield, Extraído de *Nature Reviews/Genetics*)

36. Assinale a alternativa correta, segundo as informações do texto.

- (A) As relações entre as políticas acadêmica e industrial inviabilizariam o surgimento da farmacogenética.
- (B) O acesso aos enormes conjuntos de dados genéticos torna-se cada vez mais difícil, em virtude dos objetivos da farmacogenética.
- (C) As relações entre informações genéticas e dados de saúde são necessários para o estudo eficaz das interações genético-ambientais.
- (D) A dificuldade de acesso ao grande número de dados genéticos reduz o interesse dos pesquisadores e dos industriais.
- (E) Quando ligados a informações pessoais identificáveis, os dados genéticos comprometem o trabalho dos pesquisadores.

37. Um dos desafios éticos relacionados a bancos de genes

- (A) envolve o papel dos acadêmicos e da polícia na pesquisa.
- (B) foi resolvido em 1999 pela Human Genetics Commission do Reino Unido.
- (C) questiona o uso de materiais genéticos de pessoas falecidas, por parte dos pesquisadores.
- (D) proíbe fazer novas pesquisas com o mesmo material genético.
- (E) trata da questão do consentimento por parte dos doadores de material genético.

38. Em muitos países, as leis sobre consentimento exigem

- (A) um novo consentimento para novas pesquisas.
- (B) uma aplicação estrita dos parâmetros da Comissão de Genética Humana.
- (C) que todas as informações genéticas sejam identificáveis.
- (D) que a identidade das amostras possa ser informada a qualquer momento.
- (E) que as amostras genéticas sejam descartadas após o uso, sem necessariamente informar o participante.

39. The issue of consent

- (A) hasn't been strictly defined in most countries yet.
- (B) provides free access to main pools of genetic data.
- (C) boosts identifiable genetic information, which is so important to emerging research.
- (D) has created many problems, mostly for researchers.
- (E) is still unknown for most gene bank donors.

40. Blanket consent

- (A) is an easier way patients find to research both their health data and genetic information.
- (B) is a one-time comprehensive consent that covers most uses of gene data.
- (C) is a legal way to overcome problems created by policy makers, academics and researchers.
- (D) gives more weight to the right patients have to control their health information.
- (E) is a way out that was proposed by UK Human Genetics Commission in 1999.

41. Na frase do terceiro parágrafo *As such, most types of blanket consent fall “far short of true informed consent”*., a expressão *fall far short* significa, em português,

- (A) está muito além.
- (B) falta pouco para chegar lá.
- (C) caiu em desuso.
- (D) fica muito aquém.
- (E) é muito mais abrangente.

42. Na frase do terceiro parágrafo *Moreover, they do not allow patients to act meaningfully*, a palavra *Moreover* pode ser substituída, sem mudar o sentido, por

- (A) Furthermore.
- (B) However.
- (C) Thus.
- (D) Nevertheless.
- (E) Rather.

43. In paragraph four, the text presents two areas that specify “several significant challenges”. These two general areas are

- (A) public discomfort and research facilitation.
- (B) low legal standard and Canadian laws.
- (C) stricter laws and consent.
- (D) surveys and health information.
- (E) public opinion and local legislation.

44. The figure 90% refers to

- (A) people who feel comfortable with research facilitation.
- (B) Canadians favorable to stricter laws governing genetic information.
- (C) the respondents who agreed to participate in the “Report for the BADMCC 2001”.
- (D) both 61% and 29% of respondents who wish to control their own genetic material.
- (E) genetic research participants who would like to take part in other related surveys.

45. O tema apresentado pelo texto

- (A) propõe o uso do “blanket consent” como solução.
- (B) refere-se especificamente às condições encontradas no Canadá.
- (C) encontra-se no âmbito geral da ética médica.
- (D) foi discutido e resolvido pela UK Human Genetics Commission em 1999.
- (E) é uma questão jurídica que deverá ser aprovada pelos bancos de genes e pelos pesquisadores.

INSTRUÇÃO: Leia o texto *Patterns: Spouses Also Share State of Health* e responda as questões de números 46 a 50, identificando a alternativa correta, com base nas informações fornecidas.

Patterns: Spouses Also Share State of Health

By Eric Nagourney

Want a snapshot of your health? Try looking across the breakfast table. A new study finds a strong association between the health of husbands and wives.

The study, in the October issue of *Social Science & Medicine*, said a man in his early 50's in excellent health had about a 5 percent chance of being married to someone whose health was only fair. He has a 2 percent chance of being married to a woman in poor health. But a man in poor health, the researchers found, has a 24 percent chance of being married to a woman in fair health and a 13 percent chance of being married to a woman in poor health.

The author of the study, Dr. Sven E. Wilson, an economist at Brigham Young University, said there were many possible reasons for the findings, one as simple as human nature. “We don't marry random people,” Dr. Wilson said. “We marry kind of like us.”

But many other factors may also play a role. Some are economic: poor and less educated people tend to be in worse health. Married people are also more likely to follow the same kinds of diets, for better or for worse, or to smoke if their spouse does. And if one spouse is ill, the stress this creates may affect the health of the other. Couples also share environmental risks, Dr. Wilson said, breathing the same air and being exposed to the same germs.

The study was based on data collected from more than 4,700 couples in their 50's who took part in a 1992 nationwide survey. Dr. Wilson said its findings suggest that medical providers treating ill patients should broaden their gaze. “We treat illness and disease as something that happens to individuals,” he said. “It doesn't. It happens to families.”

(Extraído de <http://www.nytimes.com/2002/09/10/health/10PATT.html>)

46. Uma das razões apontadas para os resultados da pesquisa é:

- (A) a natureza do corpo humano.
- (B) doença do cônjuge.
- (C) as pessoas casam-se com pessoas parecidas.
- (D) os opostos se atraem.
- (E) a convivência gera estresse.

47. O primeiro parágrafo do texto significa que

- (A) seu cônjuge reflete seu estado de saúde.
- (B) o café da manhã mostra a saúde do casal.
- (C) as fotografias tiradas de manhã fazem as pessoas parecerem mais saudáveis.
- (D) um vínculo de dez anos entre o casal promove o bem estar físico.
- (E) os estudos mostram que um casal que toma café da manhã junto é mais saudável.

48. As porcentagens apresentadas no segundo parágrafo indicam que um homem de 50 e poucos anos, com saúde excelente,

- (A) tem quase o dobro de probabilidade de estar casado com uma mulher com saúde regular.
- (B) tem probabilidade muito pequena de estar casado com uma mulher com saúde ruim.
- (C) tem mais chances de casar-se novamente com uma mulher com saúde boa também.
- (D) dificilmente se casará novamente com uma mulher com saúde regular.
- (E) procurará uma mulher com saúde regular ou boa.

49. Na frase do quarto parágrafo *Married people are also more likely to follow the same kinds of diets*, a expressão *more likely* indica uma idéia de

- (A) causa e consequência.
- (B) preferência.
- (C) certeza.
- (D) condição.
- (E) propensão.

50. O estudo

- (A) foi financiado pela Brigham Young University.
- (B) coletou dados de 4 700 pessoas.
- (C) foi publicado em outubro de 1992 na revista *Social Science & Medicine*.
- (D) foi feito com casais na faixa de 50 anos.
- (E) promoverá mudanças na visão de saúde familiar por parte dos casais pesquisados.

INSTRUÇÃO: Sua redação deverá ser realizada, tendo-se como textos de apoio fragmentos do artigo “Políticas do Corpo”, do escritor e frade dominicano Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo, 1944-), e um trecho da reportagem “Corpos à Venda”, assinada por Anna Paula Buchalla e Karina Pastore.

Políticas do Corpo

(...) Uma pessoa é o seu corpo. Vive ao nutri-lo e faz dele expressão do amor, gerando novos corpos. Morto o corpo, desaparece a pessoa. Contudo chegamos ao século 21 e ao terceiro milênio num mundo dominado pela cultura necrófila da glamourização de corpos aquinhoados pela fama e riqueza e pela exclusão de corpos condenados pela pobreza ou marcados por características que não coincidem com os modelos do poder.

(...) Os premiados pela loteria biológica, nascidos em famílias que podem se dar ao luxo de comer menos para não engordar, são indiferentes aos famintos ou dedicam-se a iniciativas caridosas, com a devida cautela de não questionar as causas da pobreza.

Clonam-se corpos, mas não a justiça. (...) Açougues virtuais, as bancas de revistas exaltam a exuberância erótica de corpos, sem que haja igual espaço para idéias, valores, subjetividades, espiritualidades e utopias. Menos livrarias, mais academias de ginástica. Morreremos todos esbeltos e saudáveis; o cadáver, impávido colosso, sem uma celulite.

(...) Na prática de Jesus, a justiça encontra sua expressão mais bela na saúde dos corpos e na comensalidade, que faz da mesa comunhão entre pessoas. A ponto de Cristo tornar a partilha do pão e do vinho, da bebida e da comida, sacramento de sua presença entre nós e em nós. E nos ensinar a oração “Pai nosso/pão nosso”. Se o pão é só meu, como o Pai pode ser nosso?

A política das nações pode ser justamente avaliada pela maneira como a economia lida com a concretude dos corpos, sem exceção. Um país, como o Brasil, que segrega corpos, condenando-os ao desemprego e à miséria, em nome da estabilidade da moeda e das imposições do FMI, ainda está longe do portal da civilização. (...)

(Frei Betto. *Folha de S.Paulo*. Tendências/Debates, 13.02.2000)

Movidos pelo desejo legítimo de ter uma aparência melhor, milhares de brasileiros recorrem à cirurgia plástica como quem vai às compras. Para tudo, no entanto, há limite.

“Formas perfeitas ao alcance de todos.” “Tenha um corpo irresistível.” “Beleza, harmonia, sensibilidade... Conceitos ligados à arte, manejados por quem entende do que faz.” As frases entre aspas que você acabou de ler parecem tiradas de propagandas de academia de ginástica, de comida *light* ou até de loja de decoração. São, na verdade, anúncios de clínicas de cirurgia plástica, veiculados em revistas especializadas no ramo, como *Plástica & Beleza* e *Corpo & Plástica*. Essa é uma das faces da popularização das operações estéticas no país. Para se ter uma idéia, só no ano passado 350 000 brasileiros caíram na faca para ficar mais bonitos. Ou seja, em cada grupo de 100 000 habitantes, 207 foram operados. Os Estados Unidos, tradicionais líderes do *ranking* em números absolutos, registraram no mesmo período 185 operados por 100 000. Isso significa que o Brasil se tornou campeão mundial da categoria. Desde 1994, quando entrou em cena o Plano Real, que estabilizou a economia e ampliou o poder de consumo, fazer plástica integra o rol de aspirações possíveis da classe média. (...)

(Veja. São Paulo, 06.03.2002)

Com base nos textos apresentados, e procurando revelar seu ponto de vista sobre o assunto, realize uma redação, em forma *dissertativa*, sobre o tema:

A REALIDADE DO *SER* E DO *PARECER*, NO BRASIL.

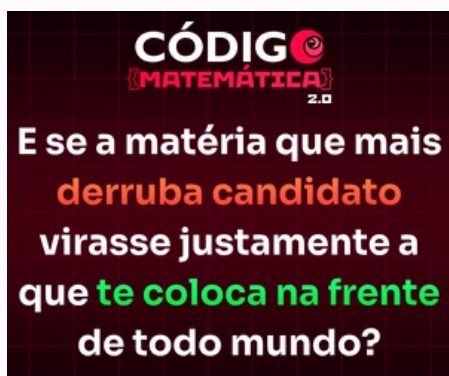
Nome do candidato

Número da carteira

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

